

Abri os olhos e não havia nada

 Edições
POLITEMA

Ho aperto gli occhi e non c'era niente

Ficha técnica

Título

Abri os olhos e não havia nada — *Ho aperto gli occhi e non c'era niente*

Autores

Fátima Lambert – INED/ESE/P.PORTO - ORCID: 0000-0002-9959-2776

Filippo Romano - Fotógrafo

Francisco Monteiro – INET-MD; ESE/P. PORTO – Paisagem sonora - ORCID: 0000-0002-9492-0208

Roberto Francavilla – Dipartimento di Lingue e Culture Moderne/ Università degli Studi di Genova

Colaboradores

Ana Pissarra

Pe. César Maciel- Santuário da Senhora da Peneda

Parcerias

INED /FCT - ESE/ Politécnico do Porto

Dipartimento di Lingue e Culture Moderne/Università degli Studi di Genova

Junta de Freguesia/Paróquia da Senhora da Peneda

INET-MD/ / Universidade de Aveiro

Design gráfico

Gabinete Comunicação e Imagem P.PORTO

Editor

Edições Politema

ISBN

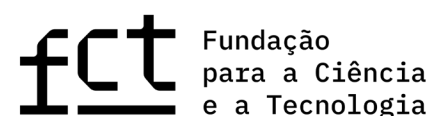
978-989-53551-9-8

Licença

CC BY-NC-ND 4.0

Financiamento

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/05198/2020 (Centro de Investigação e Inovação em Educação, inED)



Missão estética Senhora da Peneda | Gerês

Residência de pensamento e criação

Maria de Fátima Lambert – INED/ESE/P.PORTO

O Projeto de Investigação *Missão estética Senhora da Peneda | Gerês* - Residência de pensamento e criação, foi configurado para a linha de Microprojectos, no formato de residência de curta duração. Esta 1.^a edição contou com participação de investigadores da CAE/INED, do *Dipartimento di Lingue e Culture Moderne* /Università degli Studi di Genova, do INET-MD / Universidade de Aveiro, artistas e convidados. Ativam-se, de novo, na CAE-INED os projetos de residência artística, em contexto de pesquisa e criação multidisciplinar, tendo como participantes: um escritor (Roberto Francavilla), um fotógrafo (Fillipo Romano), um compositor (Francisco Monteiro), a que se associa uma cineasta e artista visual (Ana Pissarra) e uma desenhadora (Fátima Lambert).

No período pós-pandémico, ao refletir sobre as experiências pessoais decorrentes do confinamento e quebras de proximidades presenciais - em termos societários - surgiu a ideia de desenvolver uma residência artística no lugar da Senhora da Peneda/ Gerês. A sugestão configurou-se a partir da motivação do Pároco local, responsável pelo santuário da Senhora da Peneda, **Padre César Maciel** e de **Ana Pissarra**, que visitara/permanecera na aldeia por ocasião da realização de um documentário sobre “manifestações religiosas profanas” para a RTP2.

O lugar da Senhora da Peneda localiza-se na Serra do Gerês, isolada e quase despovoada, com exceção do mês de agosto, quando regressam e permanecem pessoas de famílias

locais, a viverem fora de Portugal, mormente em França. Nesse mês realizam-se as gestas em honra da Senhora da Peneda que se revestem de um interesse significativo, caracterizando-se por circunstâncias diferenciadoras, relativamente às habituais, neste tipo de celebrações.

A convergência de diferentes tipologias de Património nesta pequena povoação permanece, todavia, no desconhecimento da maioria, mesmo na região Norte de Portugal. Encontra-se, bastante perto da “raia”, fronteira a Espanha. Com impulso do Pde. César Maciel, apresenta-se esta residência com intuito de conhecer, analisar, refletir e divulgar as especificidades que definem a comunidade, as pessoas; o território, natureza e paisagem; as práticas tradicionais; as práticas religiosas; as memórias coletivas e individuais.

Durante esta primeira residência pretende-se identificar e obter dados sobre as tipologias patrimoniais e culturais para serem trabalhadas em contexto formativo com os estudantes da licenciatura de Gestão do Património Cultural e do mestrado em Património, Arte e Turismo Cultural. Assim, serão chamados a participar os investigadores-estudantes com afinidade a estas determinantes antropológicas, artísticas e estéticas de fundamentação sociológica e histórica – sempre almejando a boa e plural compreensão do património.

Cruzam-se pesquisas e investigações anteriores, nas áreas disciplinares específicas das pessoas envolvidas neste microprojecto, ainda que tomando como denominadores comuns (persistentes e/ ou pontuais) problematizações a partir de:

Teorias da paisagem, natureza e território; poéticas caminhadas e derivas estéticas; estéticas da identidade pessoal e coletiva; filosofias do património; estudos literários; estudos sonoros e musicais; estudos artísticos.

Na região já não existem artesãos que trabalhem o barro ou a tecelagem. Procurar-se-á iniciar um levantamento de evidências; recolher testemunhos materiais e imateriais/ reais e imaginários; registar que se vê e o que se ouve. Acalenta-se a disponibilidade de cada protagonista de investigação-criação, num habitat-ambiente de “retiro estético” que será também autoscópico, proporcionando experiência multissensorial e de pensamento.

Nas palavras de Ana Pissarra, ao refletir sobre a sua primeira estadia no lugar: “Na envolvência veem-se garranos, vacas e aldeias abandonadas muito bonitas, natureza verde e poética, caminhos mágicos, cruzeiros, peregrinações, músicos, penedos da fertilidade, colmeias e bebidas alcoólicas locais, licores e vinhos, comidas da região, ar puro e silêncio, vistas e paisagens criadas para nos deslumbrar.... mas há poucos artesãos”.

Acerca da primeira estadia na Senhora da Peneda | Castro Laboreiro, pensou-se sobre o significado de ideias e conceitos: pessoas (nascidas, residentes e de passagem), animais (isolados, afastados, em grupo e domesticados/humanizados), paisagens (zoom in e zoom out), natureza (matérias e vestígios sazonais); tornaram-se visíveis em nós, adquiriram condições absorvidas as memórias conjuntas lidas e ouvidas, as lembranças identitárias que se vislumbram e introjetam, as tradições e rituais comunitários (testemunhados em fotos antigas, objetos-relíquias...). Duvidou-se, interrogando-se e questionando-me, quando se previu ser plausível mergulhar no espaço e demorar o tempo. A experiência de afastamento, quanto à circunscrição urbana em que, habitualmente, se vive e trabalha, proporciona condições privilegiadas para pensar o território, o lugar e a comunidade. Ao usufruir da residência artística/ autoral, localizada, neste caso, num lugar da Serra do Gerês, potencia o distanciamento

ativador que absorverá as evidências circundantes. Reflete-se sobre paisagem, natureza, coletividade e identidade pessoal; atende-se às tipologias patrimoniais a trabalhar e dinamizar, dando a conhecer especificidades e tópicos, frequentemente, invisibilizados. Durante a estadia prevê-se que sejam gerados obras e registos - a serem tratados - para integrar a exposição na Senhora da Peneda, nas cercanias da comunidade local e dando-a a saber para mais longe. O lugar da Senhora da Peneda, que está em processo de classificação, gerará uma aproximação dilatada, mediante a forma, como cada protagonista desta residência, o saiba abordar e ativar.

Paisagem sonora



Paesaggio sonoro











Ela diz-me

Durante o inverno as pessoas vivem neste arrabalde e no verão deslocam-se mais para cima, durante três meses. Levam os seus rebanhos para lá, plantam batatas e centeio e esperam o regresso dos parentes que emigraram para França. As ruelas íngremes enchem-se de crianças. Os velhos celeiros abandonados têm as portas arrombadas e acolhem os seus brinquedos. Os carros não sabem onde estacionar, não há lugar. O amanhecer é ofuscante e corta com a sua lâmina cor de laranja as pedras mais lisas, ovais ou redondas como seixos de rio.

Lei mi dice

D'inverno la gente vive in questa contrada, d'estate si sposta più in alto, per tre mesi. Portano le mandrie lassù, piantano patate e segale e aspettano il ritorno dei parenti emigrati in Francia. I vicoli scoscesi si riempiono di bambini. I vecchi granai abbandonati hanno le porte sfondate e accolgono i loro giochi. Le macchine non sanno bene dove parcheggiare, non c'è posto. L'alba è accecante e taglia le rocce più lisce, ovali o rotonde come ciottoli di fiume, con la sua lama arancione.











Ele diz-me

Esta é uma raça de cavalos típica daqui, apontando para dois garranos quase pretos, magros e baixos, mas bem proporcionados na berma da estrada. Quase tão pretos como as estátuas que adornam os degraus do santuário. O preto vem com a humidade de certos ventos que sopram de oeste e de norte. O preto vem com os dedos sujos das crianças. Com o luto solene, rendido, enraivecido, de certas mulheres que aqui se fecham nos seus xailes e queimam lenha seca ao fim da tarde, os pomares que descem em socalcos irregulares até o vale, atravessados por muretes antigos.

Os cavalos andam perto uns dos outros na estrada, aproximam-se da balaustrada e, se ouvem o som de um carro a aproximar-se, põem o seu potro no meio para o proteger do perigo.

Lui mi dice

Questa è una razza di cavall tipica di qui, indicando sul ciglio della strada due garranos quasi neri, magri e bassi ma proporzionati. Quasi neri come le statue che adornano la scalinata del santuario. Il nero arriva con l'umido di certi venti che spirano da ovest e da nord. Il nero arriva con le dita sporche dei bambini. Con il lutto solenne, arreso, infuriato di certe donne che qui si chiudono nel loro scialle e bruciano legni secchi alla sera, gli orti che discendono in poggi irregolari verso valle, attraversati da muriccioli antichi.

I cavalli procedono stretti l'uno all'altro sulla strada, si accostano al guardrail e, se sentono il rumore di una macchina che si avvicina, mettono il puledro nel mezzo per proteggerlo dal pericolo.









Nestas igrejas não há ecos de choro

In queste chiese non ci sono echi di pianti



Ele diz-me

Quando era jovem era contrabandista. Desculpe por como estou vestido, acrescenta, estava a tratar dos bois. Mas ele é elegante, tem calças de lona azul, uma camisa de xadrez e um colete de caçador. Eu conto-te as histórias, diz-me ele, mas tens de voltar à noite, porque sem um pouco de vinho do Douro, a memória não funciona. Estou quase a rir, mas apercebo-me que não é uma piada.

No caminho passo pelo filho que me diz: queria vir cumprimentá-lo, mas estou vestido para o trabalho. Digo-lhe que também estou vestido para o trabalho, mas penso para comigo que ele é cozinheiro e eu sou um homem de letras e que não estou vestido como um homem de letras, ninguém se pode vestir como um homem de letras, que ridículo. Ele esboça um sorriso pequeno e franco como o do pai e vai-se embora dizendo “até à vista”.

Lui mi dice

Da giovane facevo il contrabbandiere. Scusa per come sono vestito, aggiunge, ero a ricoverare i buoi. Ma è elegante, ha dei calzonni di tela azzurra, una camicia a quadretti e un gilet da cacciatore. Le storie te le racconto, mi dice, ma devi tornare la sera perché senza un po' di vino del Douro la memoria non funziona. Sto per ridere ma mi accorgo che non è una battuta.

Per strada incrocio il figlio che mi dice: volevo venire a salutarti ma sono vestito da lavoro. Gli dico che anch'io sono vestito da lavoro ma penso fra me e me che lui fa il cuoco e io il letterato e che non sono vestito da letterato, nessuno può vestirsi da letterato, che cosa ridicola. Abbozza un sorriso piccolo e franco uguale a quello del padre e si allontana dicendo ci vediamo.





Ela diz-me

Fomos de propósito a um fotógrafo em Melgaço. Estávamos em 1960. A estrada era má, todas aquelas curvas, as vacas nas bermas, o tempo não tinha fim, eu contava os minutos que não passavam, a viagem parecia tão longa, mais longa do que a que os homens faziam para atravessar rios e montanhas, e toda a Espanha. Vestia um vestido branco com bordados. O meu pai em silêncio, a minha mãe a apontar a paisagem. Aqui, neste planalto nu, estavam as minas de volfrâmio, as pedras como menires ou antigos tabernáculos para as almas do purgatório.

A nossa felicidade era precoce.

Lei mi dice

Andavamo apposta da un fotografo a Melgaço. Era il 1960. La strada era malmessa, tutte quelle curve, le vacche sui bordi, il tempo si allungava all'infinito, contavo i minuti che non passavano mai, il viaggio sembrava lunghissimo, più lungo di quello che gli uomini intraprendevano per attraversare i fiumi e le montagne, e tutta la Spagna. Indossavo un vestito bianco coi ricami. Mio padre in silenzio, mia madre che indicava il paesaggio. Qui su questo scarno altipiano c'erano le miniere di volframio, le pietre come menhir o come antichi tabernacoli per le anime del purgatorio. La nostra felicità era precoce.





Ele diz-me, apontando para um pequeno guarda-chuva de pano azul com pombas e flores pintadas

Serve para proteger a Eucaristia quando passa em direção ao altar. Não te digo quanto é que nos custou, murmura em cumplicidade.

Lui mi dice, indicando un ombrellino azzurro di panno con delle colombe dipinte e dei fiori.

Serve a proteggere l'eucaristia quando transita verso l'altare. Non ti dico quanto ci è costata, sussurra complice.





Ele diz-me

Fui para França para ser mecânico. Colava o ouvido junto ao motor do Renault Alpine, batia levemente com o dedo no metal, como um santo medieval à espera de vozes, uma espécie de mecânico místico. Após alguns segundos em que nada acontecia, voltava a bater no metal, mas desta vez com uma chave inglesa, e ficava à escuta. A voz do motor sussurrava-me então o seu segredo, indicando-me a solução.

Depois fui para Montreal, para os Jogos Olímpicos, e trabalhei para os italianos. Construímos muros, instalámos portões e cancelas, bebemos mau vinho, falámos a mesma língua em silêncio.

Lui mi dice

Me ne sono andato in Francia a fare il meccanico. Accostavo l'orecchio al motore dell'Alpine Renault, picchiavo leggermente con un dito sul metallo, sembravo un santo medievale in attesa delle voci, una specie di meccanico mistico. Dopo una manciata di secondi in cui non accadeva nulla, tornavo a picchiare sul metallo, ma questa volta con una chiave inglese, e mi mettevo in ascolto. La voce del motore, a quel punto, mi sussurrava il proprio segreto, mi indicava la soluzione.

Poi sono andato a Montreal per le Olimpiadi, lavoravo per gli italiani. Costruivamo muri, installavamo cancelli e portoni, bevevamo vino pessimo, parlavamo la stessa lingua in silenzio.







Ele lembra-se

Casacos de carneiro encharcados nesta humidade feroz que se transforma em granizo no inverno e penetra no colarinho da camisa, à espera das outras madrugadas de finais de fevereiro, lívidas como feridas acabadas de sarar, em pé na berma da estrada.

Bezerros daqui para Espanha, vacas de Espanha para cá. O tenente da alfândega muito mau. O major bêbedo. Era de Matosinhos. Cuspia enquanto falava. Era vulgar. Eu era um contrabandista, mas era um contrabandista elegante. Ele era a autoridade, mas eu olhava-o com desprezo. Se eu não conseguisse voltar a tempo, havia sempre uma porta aberta a meio da noite. Uma porta para entrar e quase sempre uma janela para fugir.

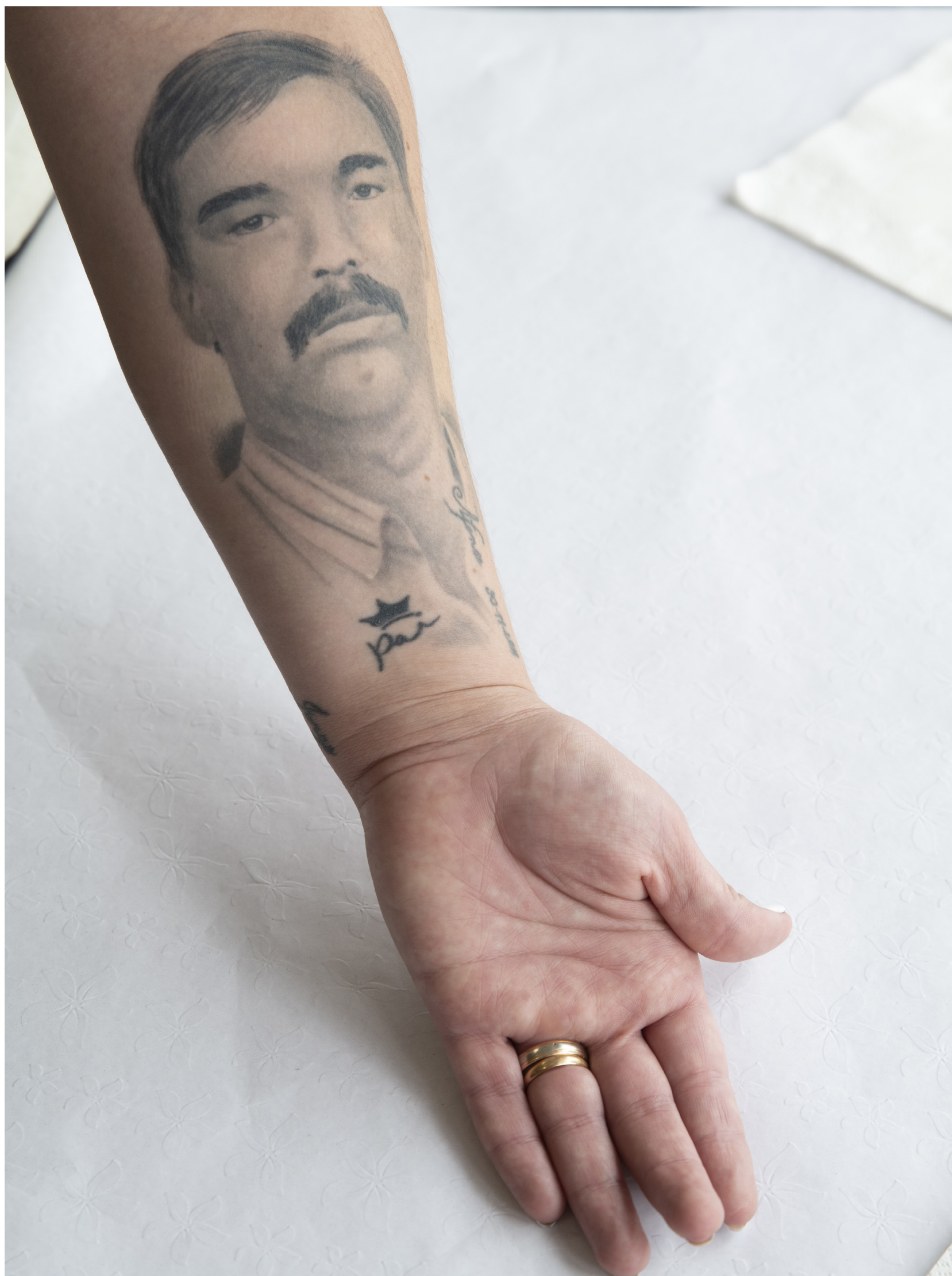
Lui ricorda

Giacconi di pelle inzuppati di questa tumidità feroce che d'inverno si trasforma in nevischio e penetra nel colletto della camicia, aspettando le altre albe tardive di febbraio, livide come ferite appena rimarginate, in piedi sul ciglio della strada.

I vitelli da qui alla Spagna, le vacche dalla Spagna a qui. Il tenente della dogana profondamente cattivo. Il maggiore ubriaco. Veniva da Matosinhos. Sputacchiava mentre parlava. Era volgare. Io ero un contrabbandiere, ma ero un contrabbandiere elegante. Lui era l'autorità ma io lo guardavo dall'altro in basso. Se non riuscivo a tornare in tempo, c'era sempre una porta aperta in piena notte. Una porta da cui entrare e quasi sempre una finestra da cui scappare.









Ela diz-me

Cresci com as cabras. Depois a mudança foi demasiado rápida, tudo foi demasiado rápido.

Lembro-me dos longos invernos. Quando eu era criança e nevava, a escola fechava durante dias, por vezes durante uma semana inteira. O meu avô guardava os biscoitos que tinha comprado sabe-se lá onde num baú de madeira e só os tirava de lá em ocasiões especiais, como o primeiro nevão.

Mas foi no verão que aprendi a dançar. Porque a nossa era uma dança. A dança das raparigas que batem o centeio nas peneiras e deixam o vento soprar o joio enquanto os homens cantam “bate o milho”, “força!” e há muita alegria nos campos, a música são os nossos passos na terra, o ritmo é o bater dos nossos corações por um momento feliz.

Lei mi dice

Sono cresciuta con le capre. Poi il cambiamento è stato troppo veloce, tutto è stato troppo veloce.

Mi ricordo i lunghi inverni. Quando ero bambina e nevicava, la scuola chiudeva per giorni, a volte per una settimana intera. Mio nonno che conservava in un baule di legno dei biscotti comprati chissà dove e li tirava fuori solo nelle occasioni speciali, come per esempio per la prima nevicata.

Ma è d'estate che ho imparato a ballare. Perché la nostra era una danza. La danza delle ragazzine che battono la segale nei setacci e lasciano che sia il vento a soffiare via il loglio mentre gli uomini cantano “batti il miglio”, “forza!” e c'è molta allegria sulle aie, la musica sono i nostri passi sulla terra, il ritmo è il battito del nostro cuore per un attimo felice.







Ele diz-me

Costumávamos domar cães e vacas, domar cabras e esposas, domar-nos a nós próprios
se pudéssemos

Lui mi dice

Addomesticavamo i cani e addomesticavamo le vacche, addomesticavamo le capre e addomesticavamo le mogli, addomesticavamo noi stessi, se ci riuscivamo





Ela diz-me

Eu sentava-me numa pedra macia e quente, fingindo que era o sofá de um belo apartamento burguês, de uma casa citadina, um sofá de veludo com naperons de tricô nos braços e uma boneca no meio, daquelas que fecham os olhos se a pusermos deitada, ficando ali a proteger a lareira como uma providência. E sentada naquela pedra, fechava os olhos com força, apontando-os na direção do sol, deixando que as minhas retinas absorvessem os seus raios e os devolvessem em cornucópias fantasiosas, nas quais via aparições e fantasmas, o rosto de Cristo com barba e coroa de espinhos, visões místicas provocadas pelo cintilar da estrela. E depois voltava a abrir os olhos como a boneca do sofá, mas não havia nada à minha volta.

Lei mi dice

Mi sedevo su una roccia morbida e tiepida, fingevo che fosse il divano di un bell'appartamento borghese, una casa di città, un divano di velluto con i centrini appoggiati sui braccioli e una bambola accomodata proprio in mezzo, di quelle che chiudono gli occhi se le metti in posizione sdraiata, se ne stava lì a protezione del focolare come un penato. E seduta su quella roccia, chiudevo forte gli occhi puntandoli in direzione del sole, lasciavo che le mie retine assorbissero i suoi raggi e li restituissero in cornucopie fantasiose nelle quali individuavo apparizioni e fantasmi, il volto di Cristo con la barba e la corona di spine, visioni mistiche provocate dai baluginii dell'astro. E poi riaprivo gli occhi come faceva la bambola del divano ma intorno a me non c'era niente.











Ele diz-me

Esta é uma raça de vacas típica daqui, apontando para certos bovinos cor de tabaco com chifres longos e afiados que formam um Ilustre rabisco no ar húmido. As vacas levantam-se e começam a andar sem se aperceberem do mundo no meio da estrada. Paramos e, enquanto esperamos que elas passem, ele aponta para o despontar de uma rocha: uma cabra selvagem, diz ele, sem conter uma ligeira emoção. Mas é um abutre gigante, não uma cabra selvagem. Apercebemo-nos disso quando ele vira a cabeça e o que pensávamos serem cornos desaparecem no engano da perspetiva. Ele buzina duas vezes, as vacas não se mexem, mas o abutre levanta voo, cobrindo a paisagem por um momento com asas que parecem enormes mantas franjadas, escuras do cinzento da rocha ao do céu.

Depois diz-me que o abutre estava ali de guarda, à espera que algum animal morresse. Morrer, como? pergunto-lhe. Malnutrido, responde, ou atacado por algum animal selvagem, ou de velhice.

Lui mi dice

Questa è una razza di vacche tipica di qui, indicando certi bovini color tabacco e dalle lunghe coma affilate che formano un ghirigoro illustre per l'aria umida. Le vacche si alzano e si mettono a camminare ignare del mondo nel mezzo della carreggiata. Ci fermiamo e, mentre aspettiamo il loro transito, mi indica lo spuntone di una roccia: una capra selvatica, dice non trattenendo una leggera emozione. Ma è un avvoltoio gigantesco, non una capra selvatica. Lo capiamo quando ruota la testa e quelle che credevamo fossero corna spariscono nell'inganno della prospettiva. Lui suona il clacson un paio di volte, le mucche non si muovono ma l'avvoltoio spicca il volo coprendo per un attimo il paesaggio con ali che sembrano enormi coperte con le frange, scure dal grigio della roccia a quello del cielo.

Poi mi dice che l'avvoltoio era lì di guardia ad aspettare che qualche bestia morisse. Morisse, come? Gli chiedo. Malnutrita, risponde, o attaccata da qualche animale selvatico, o di vecchiaia.





Ela diz-me

Aqui nunca nos faltou comida, havia batatas e centeio, feno para o gado, porcos, pão e leite. Mas faltava-nos o dinheiro para ir a Ponte de Lima uma vez por ano para pagar os impostos ao registo. As pessoas iam lá a pé. Os homens iam lá, andavam três dias a pé. Se não se pagava o imposto havia sempre alguém pronto a roubar as terras ou era o próprio Estado que as punha em leilão e as comprava por uma ninharia. Uma vez, um deles pregou uma partida a um dos seus companheiros de aldeia que não tinha pago a taxa desse ano e ficou com as suas terras. O outro, assim que soube, procurou-o e esfaqueou-o até à morte. Trouxeram o corpo para aqui, para o santuário, deitado numa tábua de madeira. O assassino, preso, tinha gritado aos guardas: vou para a cadeia, mas ninguém me tira a terra.

Lei mi dice

Qui non ci è mai mancato da mangiare, c'erano le patate e la segale, il fieno per le bestie, i maiali, il pane e il latte. Ma mancavano i soldi per andare a Ponte de Lima una volta all'anno a saldare le tasse al Registro. Ci si andava a piedi. Ci andavano gli uomini, camminavano per tre giorni. Se non saldavi la tua tassa, c'era sempre qualcuno pronto a soffiarti il terreno o era lo Stato stesso che lo metteva all'asta e se lo comprava a cifre irrisorie. Una volta uno di qui fece il brutto scherzo a un suo compaesano che non era riuscito a saldare la quota di quell'anno e si accreditò il suo terreno. L'altro, appena saputo, lo cercò e lo uccise a coltellate. Avevano portato il corpo fin quassù al santuario disteso su un tavolaccio di legno. L'assassino, arrestato, aveva gridato alle guardie: vado in galera, ma la mia terra non me la prende nessuno.







Ela diz-me

A minha mãe tirou-me da escola na terceira classe porque eu tinha de guardar as cabras. Costumava caminhar sozinha até à branda, demorava duas horas. Os lobos, se os houvesse, fugiam. Uma vez, uma amiga minha viu um par deles que tinha atacado uma vaca no meio de uma estrada, tinha-lhe arrancado a cauda e ia matá-la, mas a chegada repentina da minha amiga fê-los fugir e a vaca salvou-se. Foi salva para o abate, entenda-se.

Lei mi dice

Mia madre mi ha tolto dalla scuola in terza elementare perché dovevo badare alle capre. Salivo a piedi alla branda da sola, ci mettevo due ore. I lupi, se c'erano, scappavano. Una volta una mia amica ne vide un patio che in mezzo a un viottolo avevano attaccato una vacca, le avevano strappato la coda a morsi e stavano per ucciderla, ma l'arrivo improvviso della mia amica li aveva fatti fuggire e la vacca si era salvata. Si era salvata per il macello, beninteso.



A escadaria, vista ao longe da estrada de mármore sulcada de musgo, parece o destino final de uma longa peregrinação. Trepas até ao santuário, que mais parece ali estar como uma estação de repouso, encimado por uma densa floresta de árvores muito altas e que, por sua vez, estão ali como uma segunda estação, literalmente coberta por um penhasco cinzento imponente, o verdadeiro monumento, a última estação antes do céu a que só os abutres e as almas podem legitimamente aspirar.

Ele diz-me

No ano passado, uma rocha gigantesca desprendeu-se do topo do penhasco e rolou para o vale, roçando os telhados do bairro. Aos geólogos enviados pela proteção civil, continua, eu disse: estudam tantos anos e depois, graças a Deus sou eu a tratar do assunto com as minhas orações.

La scalinata, che vista in lontananza, dalla strada di porfido venata di muschio, sembra la meta finale di un lungo pellegrinaggio, si inerpicca verso il santuario che però ha l'aria di essere lì come stazione di sosta perché è sormontato da un fitto bosco di alberi altissimi quali, a loro volta, stanno lì come una seconda stazione di sosta, perché sono letteralmente sovrastati da una rupe grigia e incombente, il vero monumento, l'ultima stazione prima del cielo a cui possono legittimamente aspirare soltanto gli avvoltoi e le anime.

Lui mi dice

L'anno scorso dalla cima della rupe si è staccato un gigantesco masso che è rotolato a valle sfiorando i tetti della contrada. Ai geologi inviati dalla protezione civile, continua, ho detto: studiate tanti anni e poi meno male che ci penso io con le mie preghiere.



Quando chove, a bacia enche-se de água doce e cobre tudo. O eterno jato sulfuroso permanece invisível no fundo da lagoa. O desenho do acampamento romano desaparece à superfície, os muros em ruínas e os tanques desaparecem, até mesmo a estrada de terra que conduz às termas. Resta a sombra dos castanheiros que se estende da outra margem numa tarde de inverno, apenas sulcada pelo chilrear dos pintassilgos e o ladrar de um cão distante.

Il bacino quando piove si riempie di acqua dolce e ricopre tutto. Il sempiterno getto sulfureo resta invisibile sul fondale. Sparisce al di sotto della superficie il disegno dell'accampamento romano, spariscono i muri in rovina e le vasche, perfino la stradina di terra battuta che conduce alle terme. Resta l'ombra dei castagni che si allunga dall'altra riva nel pomeriggio d'Inverno solcata appena dal frullo dei cardellini e dall'abbaiare di un cane lontano.







Ele diz-me

Olha, isto é arte popular, arte pobre. Um São Sebastião e um Cristo esculpidos em madeira por uma pessoa anónima no final do século XVIII. Ambos têm cabeças grandes, de rapaz. Fazem-me lembrar o Bruno B., um colega meu da escola primária, com o lábio um pouco arrepiado e as mãos sempre sujas, que um dia vomitou a hóstia que tinha acabado de engolir no chão de lajes pretas brilhantes da catedral, provocando em mim e em todos os que tinham assistido à cena um compreensível misto de indignação e pena (vai para o inferno por causa disto, coitado, pensámos todos). O Cristo de madeira tem os joelhos ensanguentados, que parecem tão esfolados como os de uma criança futebolista. O olhar de S. Sebastião está semicerrado, um pormenor que lhe dá um ar bastante engraçado. Parecem dois colegas da escola primária a regressar a casa depois de uma tarde no recreio. Parecem o Bruno B. e eu, há muito tempo atrás.

Lui mi dice

Guarda, questa é arte popolare, arte povera. Un San Sebastiano e un Cristo scolpiti nel legno da un anonimo a fine Settecento. Entrambi hanno la testa grande e fanciullesca. Mi ricordano Bruno B., un mio compagno delle elementari con il labbro leggermente leporino e le mani sempre sporche che un giorno vomitò l'ostia appena ingerita sul pavimento di lucidi lastroni neri della cattedrale provocando in me e in tutti noi che avevamo assistito alla scena un misto comprensibile di sdegno e pietà (andrà all'inferno per questo, poveretto, pensammo tutti). Il Cristo di legno ha il sangue sulle ginocchia che sembrano sbucciate come quelle di un bambino calciatore. Lo sguardo di San Sebastiano è strabico, particolare che lo rende alquanto buffo. Sembrano due compagni delle elementari che tornano a casa dopo un pomeriggio al campetto. Sembriamo Bruno B. ed io tanto tempo fa.

Identificação — Signalement		Fotografias — Photographies	
Estado Etat civil	solteiro		Mulher — Femme Selo Timbre sec
Profissão Profession	sem profissão		
Local e data do nascimento Lieu et date de naissance	Pademilhel 24 de Junho de 1943	Assinaturas: SIGNATURES:	
Residente em Demeurant à	Pademilhel	do portador {	Ald Alves Beites
Altura Taille	1m 61	du porteur {	
Olhos Yeux	castanhos	de sua mulher {	
Cabelo Cheveux	castanho	de sa femme {	
Cor Teint	branco		
Sinais particulares Signes particuliers			
Filhos — Enfants		Impressões digitais — Empreintes digitales	
NOME — NOM	IDADE — AGE	Mulher — Femme	

Ela diz-me

Já não sabíamos como era feito o meu pai e tínhamos medo de dizer que, afinal, nem sequer sentíamos a sua falta.

Lei mi dice

Mio padre non sapevamo più come era fatto e avevamo paura di dire che in fondo non ci mancava neanche più.



Ela diz-me

Aqui ninguém estava à espera da revolução, esperávamos antes a redenção dos pecados, a encomenda com selos dos correios franceses (também eles tinham um galo como símbolo, parecia o galo de Barcelos e fazia-nos sentir um pouco menos distantes).

Mas o que era então a distância?

O meu pai, por exemplo, a curva nobre do seu bigode triste, escrevia cartas raras e cansadas, exalando a sua incompreensão rendida do mundo, a sua consciência adormecida da injustiça que decretava a sua separação de mim, das minhas irmãs, da minha mãe. E a nossa pobreza.

A distância e o galo dos correios franceses, a minha mãe de pé na cozinha fria enquanto abria o envelope, passando a unha do dedo indicador pela sua abertura com a lentidão crónica de alguém que tinha a espera nos seus genes e no seu destino. Virava-se de costas para a janela a favor da luz e os raios do sol de outono iluminavam a sua figura e aquelas palavras espaçadas e sombrias, escritas com dedos habituados apenas à pá e à cal em que se conservava, num oco invisível protegido por anjos e santos, um miolo de puro amor e pungente saudade.

Depois, terminada a leitura, voltava-se de costas para nós e os olhos para a paisagem ou não sei onde, para que não víssemos as suas lágrimas.

Lei mi dice

Nessuno qui aspettava la rivoluzione, aspettavamo invece la redenzione dei peccati, il pacco con i francobolli delle poste francesi (anche loro avevano per simbolo un galletto, somigliava a quello di Barcelos e ci faceva sentire un po' meno lontani).

Ma che cos'era, allora, la lontananza?

Mio padre, per esempio, la curva nobile dei suoi baffi tristi, scriveva lettere rare e stanche, trasudavano la sua arresa incomprensione del mondo, la sopita consapevolezza dell'ingiustizia che decretava la sua separazione da me, dalle mie sorelle, da mia madre.

E la nostra povertà.

La lontananza e il galletto delle poste francesi, mia madre in piedi, nella cucina fredda, mentre apriva la busta facendo scorrere nella sua apertura l'unghia dell'indice con la lentezza cronica di chi aveva attesa nei geni e nel destino. Si voltava con le spalle alla finestra per essere in favore di luce e i raggi del sole d'autunno illuminavano la sua figura e quelle parole spaziate e fosche, scritte con dita avvezze solo alla vanga e alla calce in cui si conservava, in una conca invisibile protetta da angeli e santi, un mallo di puro amore e di struggente nostalgia.

Poi, finito di leggere, si girava con le spalle verso di noi e gli occhi verso il paesaggio o verso non so dove, perché non vedessimo le sue lacrime.

- 4 -

Sinais

Idade 33 anos.

Altura 1^m, 22

Cabelos Castanhos

Sobrolhos ---

Olhos Verdes

Nariz Regular

Boca Regular

Côr Normal

Sinais particular ..



Maria Carrinda



- 5 -

Deve sair do país no prazo de --- dias.

Abonado por documentos

Nome e residência do agente de emigração, ou de
passagem e passaportes, que interveio na obtenção do
passaporte Dr. Ruben de Magalhães
Advogado, residente nesta cidade.

Rogo às autoridades administrativas e a todas aquelas
a quem pertencer o seu conhecimento não ponham emba-
raço algum ao portador.

Dado em Lisboa de Lisboa,
aos 29 de Junho de 1926

1a) prazo 15 dias

Estampilhas ... 5000 (a)

Emolumentos ... 1800

6800

--- O Chefe da Repartição,

--- O Governador Civil,

Assinatura do portador,

Maria Carrinda

VÊM DA INFÂNCIA

Vêm da infância, essas mulheres.
Caladas, discretas, sem pressa
de existir. Esplêndidas mulheres essas,
penteadas com a risca ao meio,
as orelhas descobertas pelo cabelo
de sombra clara.
No seu coração o mundo
não era tão pequeno e o que faziam
não lhes parecia humilhação.
Sabiam envelhecer com a vagarosa
luz das crianças
e dos animais da casa.
A par da rosa.

Eugénio de Andrade, *O Sal da Língua*

VENGONO DALL'INFANZIA

*Taciturne, discrete, senza fretta
di esistere. Splendide donne, quelle,
pettinate con la riga nel mezzo,
le orecchie scoperte dai capelli
di ombra chiara.*

*Nel loro cuore il mondo
non era così piccolo e ciò che facevano
non sembrava loro umiliazione.*

*Sapevano invecchiare con la
luce lenta dei bambini
e degli animali della casa.
Al pari della rosa.*

Eugénio de Andrade, O sal da Língua



Ela diz-me
A água é o sangue da terra.

*Lei mi dice
L'acqua é il sangue della terra.*



Os lugares são uma vocação.

Olhamos para o mapa do Alto Minho, nesta landa portuguesa na fronteira com Espanha chamada Peneda - Gerês, e apontamos o dedo para os territórios que atravessámos, tentando dar sentido à geografia, para nos situarmos. Parece que voltamos a ouvir as pessoas daqui. Todos falam do lugar e todos falam de si. Muitas histórias têm a ver com o contrabando (que a adesão à Comunidade Europeia extinguiu) e com a emigração, clandestina até ao advento da democracia. O regime de Salazar perseguiu-a oficialmente, mas os funcionários das alfândegas acabavam por fechar os olhos, sabendo que as remessas dos emigrantes alimentavam as populações. Por vezes, os homens não regressavam durante anos, a viagem era longa e dispendiosa, e as esposas vestiam-se de luto até ao seu regresso. Viúvas brancas em perpétua espera, guardiãs dos rebanhos. Muitas histórias, no entanto, têm a ver com a mudança dos tempos, com o abandono destas aldeias onde subsistem sobretudo pastores, e com as proezas de personagens locais que entraram de pleno direito nos arquivos do mito. Outras histórias não são contadas por pessoas mas pela paisagem, que é simultaneamente território e visão, sinfonia e sussurro. Atravessamo-la na sua poderosa teatralidade, prontos para nos espantarmos com a encenação do lugar que se revela; acolhemos a sua aura mística porque este é, afinal, um lugar de prodígios, de rochas que tomam os semblantes de animais, de peregrinações salvíficas, de aparições que não são fantasmas e que se tornam lendas.

Queremos agradecer ao Padre César Maciel, da Paróquia da Senhora da Peneda / Missão estética Senhora da Peneda | Gerês - Residência de pensamento e criação; Maria de Fátima Lambert (CAE/ INED, (Politécnico do Porto); Francisco Monteiro (INET-MD - ESE, Politécnico do Porto); o Departamento de Línguas e Culturas Modernas da Universidade de Génova; o Grupo de Investigação em Património, Educação e Cultura - INED / ESE-IPP; as mulheres e os homens da Peneda, Castro Laboreiro, Melgaço, Lamas de Mouro e arredores, que contaram e se deixaram fotografar.

I luoghi sono una vocazione.

Osserviamo la carta geografica dell'Alto Minho, in questa landa portoghese al confine con la Spagna che si chiama Peneda – Gerês, e puntiamo il dito sui territori che abbiamo attraversato, provando a dare un senso alla geografia, a situarci. Ci sembra di riascoltare la gente di qui. Ognuno racconta del luogo e ognuno racconta di sé. Molte storie hanno a che vedere con il contrabbando (che l'adesione alla Comunità Europea ha estinto) e con l'emigrazione, clandestina fino all'avvento della democrazia. Il regime di Salazar ufficialmente la perseguiva ma spesso i doganieri alla fine chiudevano un occhio, consapevoli che le rimesse degli emigranti sfamavano la gente di queste parti. A volte gli uomini non tornavano per anni, il viaggio era lunghissimo e caro, e le mogli si vestivano a lutto fino al loro ritorno. Vedove bianche in attesa perenne, guardiane di greggi. Molte storie hanno invece a che vedere con il cambiamento dei tempi, l'abbandono di queste contrade in cui resistono soprattutto pastori, e con le gesta di personaggi locali che sono entrati di diritto negli archivi del mito. Altre storie non le racconta la gente ma le racconta il paesaggio, che è insieme territorio e visione, sinfonia e sussurro. Lo attraversiamo nella sua teatralità potente, pronti allo stupore di fronte alla messinscena del luogo che si svela; ne accogliamo l'aura mistica perché questo è in fondo luogo di prodigi, di rocce che assumono sembianze di animali, di pellegrinaggi salvifici, di apparizioni che non sono fantasmi e che diventano leggende.

Desideriamo ringraziare Padre César Maciel, della Parrocchia della Senhora da Peneda / Missione estetica Senhora da Peneda | Gerês – Residenza di pensiero e creazione; Maria de Fátima Lambert (CAE/INED, Politecnico di Oporto); Francisco Monteiro (INET-MD – ESE, Politecnico di Oporto); il Dipartimento di Lingue e Culture Moderne dell'Università degli Studi di Genova; il Gruppo di Ricerca su Patrimonio, Educazione e Cultura dell' INED / ESE-IPP; le donne e gli uomini di Peneda, Castro Laboreiro, Melgaço, Lamas de Mouro e dei dintorni, che hanno raccontato e che hanno permesso di essere fotografati.



